

## **História das Religiões no Brasil: Teoria e Metodologia a partir da Escola Italiana**

Elton de Oliveira Nunes\*

**Resumo:** A presente comunicação é uma tentativa de apresentar elementos para a definição da área de História das Religiões no Brasil a partir da Escola Italiana de História das Religiões. A definição de áreas de pesquisa e estudos é o primeiro passo para o progresso da ciência<sup>1</sup>. Dessa definição resultam ações metodológicas e mesmo educacionais que contribuem para que as pesquisas realizadas alcancem seus objetivos e contribuam decisivamente para que um País cresça e se desenvolva<sup>2</sup>. Por este motivo, são necessários e relevantes estudos que trabalhem a questão de definições teóricas e metodológicas das áreas do conhecimento para que o progresso do conhecimento tenha eficácia.

### ***História das Religiões – urgência e ambivalência***

Uma das áreas que necessita de definição mais acurada é a área de História das Religiões no Brasil. O estatuto científico dos estudos históricos da Religião sofre de problemas de aproximação e sua trajetória no Brasil ainda está longe das grandes discussões teóricas realizadas em outros países e continentes<sup>3</sup>. Um dos problemas que se apresenta é sobre a forma de tratamento. Como tratar da dimensão histórica dentro das diversas abordagens da Religião? Dessa maneira, impõe-se a necessidade de enfrentar a questão da abordagem histórica da Religião dentro da área de História das Religiões, atualizando as discussões internacionais no Brasil. Além disso, os Programas de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais carecem dessa definição, como podemos constatar, seja pelo pequeno número de publicações nessa área, seja pela declaração de algumas instituições e teóricos sobre a indefinição do campo de Ciências Humanas e Sociais<sup>4</sup>. Este projeto tem a pretensão de *apresentar considerações sobre as definições teórico-metodológicas sobre a área de História das Religiões no Brasil.*

---

\* Pós-Doutorando em História e Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor-pesquisador da FAPESP (2008-2010).

<sup>1</sup> □ A preocupação das agências de fomento no Brasil volta-se para o progresso da ciência, a produção intelectual e as aplicações práticas para a geração de empregos e avanço da ciência, objetivo esse compartilhado pela CAPES, CnPq e FAPESP.

<sup>2</sup> É de vital importância que as pesquisas de uma área sejam de aplicação prática para o País e que este conhecimento resulte em ganhos para a população. Conforme atestado pela própria filosofia da ciência. Vide FEYERABEND, (1978); LENOIR, (2004); STUMP, (1996); ALVES e GARCIA, (1996); WEBER, (1979).

<sup>3</sup> Podemos elencar pouco mais de dez publicações produzidas no Brasil. Hermann discute este assunto no texto clássico, *Os domínios da História*, de 1997. Desse tempo até o presente não houve avanços sobre a questão. Ver: CARDOSO e VAINFAS, 1997. p.329-354.

<sup>4</sup> Para um panorama do estado atual da questão, ver: USARSKI, (2007).

A História das Religiões, cujo termo é polissêmico, quer representar o campo de estudos históricos sobre as religiões e, por outro lado, desenvolver o registro sobre o processo de historicização das religiões. O grande desafio dessa dupla tarefa para a disciplina é sua indefinição quanto ao objetivo primário da mesma<sup>5</sup>. No Brasil, esta área se confunde com suas ciências afins. Seria esta parte do ramo da História ou seria vinculada definitivamente às Ciências Humanas e Sociais? A “*Religionswissenschaft*” nasceu na segunda metade do século XIX dentro do clima do historicismo alemão<sup>6</sup>. O fato é que a constituição da História das Religiões, desde sua gênese, teve problemas de “lugar” no escopo científico das disciplinas de estudo. Ciente disso, Geertz aponta para a dificuldade a partir da própria constituição do nome da disciplina<sup>7</sup>:

*Um barômetro para essa situação pode ser visto nos nomes escolhidos para a disciplina. É a palavra alemã “Religionswissenschaft” que está por trás da expressão britânica “Science of religion” [Ciência da Religião], ao passo que Ciência da Religião, nos Estados Unidos, é sinônimo de Sociologia da Religião. Portanto, os norte-americanos utilizam a palavra alemã “Religionswissenschaft”, que também tem sido traduzida nos Estados Unidos como “Study of Religion” [Estudo da Religião] – mas não “Religious Studies” [Estudos Religiosos], que é a abordagem mais teológica. Na Inglaterra, encontramos o termo “Comparative religion” [Religião Comparada], que se encaixa bem no pluralismo britânico, mas, nos Estados Unidos, Religião Comparada”, conforme foi praticada por Mircea Eliade, é denominada de “History of Religions” [História das Religiões], ainda que nenhum departamento nas universidades receba este nome. Na Europa, o termo “History of Religions” e termos equivalentes em francês, italiano, e nas línguas escandinavas são utilizados para o estudo mais amplo da religião, ainda que não tenha de fato integrado as ciências sociais. No Canadá, “História das Religiões” é considerado um termo muito limitado, daí a preferência por “Study of Religion”. Na América Latina, o termo escolhido parece ser estudio de las Religiones [Estudo das Religiões] – e agora estou vendo que no Brasil prefere-se História das Religiões. Já nos Países asiáticos não há preocupação com termo algum.*

Ou seja, a História das Religiões é reivindicada como parte integrante de três campos de análise: a História, as Ciências Humanas e Sociais e as Ciências das Religiões como sub-campo de pesquisas e produção de dados e observações. Para Filoramo e Prandi, a História das Religiões sofre, após um século de debates, de um posicionamento epistemológico sobre sua metodologia e seus objetivos<sup>8</sup>. Sob o rótulo de História das Religiões ocultam-se, segundo

---

<sup>5</sup> O termo “História” também carece de definição mais acurada, pois este remete a três sentidos distintos, articulados com as abordagens mencionadas. O primeiro refere-se ao conjunto das ações humanas no tempo, cuja efetivação se deve a razões e a decisões. Esse conjunto é habitualmente chamado de história, na linguagem comum e na especializada. O segundo sentido diz respeito ao procedimento formal de constituição do conhecimento científico relativo a partes desse conjunto. O terceiro sentido do uso do termo “história” tem a ver com o acervo produzido pela ciência histórica sob a denominação de “historiografia”. Também a esse conjunto de documentos e outras diversas variações como documentários, se classifica como “história”. Ver: JENKIS, (2001).

<sup>6</sup> Cf. PRANDI e FILORAMO, 1999. p. 61.

<sup>7</sup> Cf. GEERTZ, citado por GIL e SIEPIERSKI, 2003. p. 16.

<sup>8</sup> Cf. PRANDI e FILORAMO, 1999. p. 14.

eles, pelo menos três diferentes perspectivas metodológicas: História, Ciências Humanas e Sociais e Ciências da Religião. Outro problema diz respeito ao objeto “Religião” dentro do estatuto da História, enquanto ciência do tempo e dos fatos históricos. Qual o lugar da “Religião” na História das Religiões? Seria o estudo da religião um ato privilegiado ou secundário? Qual o papel da religião na constituição de uma determinada linha de pesquisa nesta área? Como abordar um campo polissêmico e complexo como a religião? Além dos problemas oriundos da própria História, enquanto ciência do saber, a Religião apresenta-se como um objeto difícil na medida em que não se enquadra em definições satisfatórias e completas. O próprio termo “*Religião*” sofre controvérsias sobre sua abrangência. Ao longo dos séculos, a palavra de origem latina: *religio*<sup>9</sup> foi assumindo diversas conotações e interpretações. A religião, enquanto objeto de estudo do historiador, está por ser definida. De sua conceituação derivará o tipo de história, suas conseqüências e conclusões, como afirma Wiebe<sup>10</sup>:

*Sustenta-se bastante plausivamente que a menos que seja possível alguma definição preliminar da religião, alguma forma de compreensão intuitiva da natureza da religião suscetível de formulação verbal, nenhum estudo da religião pode chegar a ser iniciado. Sem tal definição de um campo de pesquisa, qualquer e todas as coisas estariam abertas à investigação; e se tudo está aberto à investigação, nós na verdade não temos absolutamente nenhum estudo específico da religião. Assim, uma definição da religião é necessária para destacar os fenômenos a serem investigados.*

Dessa forma, a explicitação do termo ou conceito de religião assumida pelo historiador irá determinar a própria história sobre a religião que será produzida. Mas, o historiador da religião tem para si outro problema de fundo epistemológico. Poderá ele escapar das contradições entre o seu objeto de estudo e a herança anti-religiosa que sua ciência compartilha? A História, enquanto campo de pesquisa, foi constituído dentro dos parâmetros do Iluminismo, Racionalista e anti-religioso. Essa dificuldade sempre se apresentou como desafio dos pesquisadores das áreas afins. Ao longo dos séculos XIX e XX, as ditas Ciências

---

<sup>9</sup> Dentre os autores latinos que apresentaram uma definição etimológica do termo está Macróbio (séc V). Para ele, a palavra *religio* deriva de *relinquere* (deixar, abandonar). Já Cícero (106-43 a.C.) no “*De Natura Deorum*” afirma que a palavra vem da raiz *relegere* (considerar cuidadosamente), oposto de *neglere*, descuidar. Para Cícero, então, a Religião é um procedimento consciencioso, mesmo penoso, em relação aos deuses reconhecidos pelo Estado. Para Lactâncio, escritor cristão (m. 330 d.C.), *religio* deriva de *religare* (ligar, prender). Desta forma, a Religião liga os homens a Deus pela piedade. Para Agostinho, *religio* deriva de *religere* (idéia de reeleger). Como um retorno a Deus, o ser humano passa de um estado de rejeição para um estado de cuidado diligente. Mais tarde, Agostinho passará a considerar o termo de acordo com Lactâncio (“*De Vera Religione*”). Na Igreja antiga, o termo *religio* era usado junto com *sanctitas*, *studium* e outros termos para traduzir o grego *ascesis*, passando na Idade Média a equivalente de observância monástica. PRANDI e FILORAMO, 1999. p. 253-275.

<sup>10</sup> Cf. WIEBE, 1998. p. 17.

Humanas e Sociais buscaram uma definição de Religião que produzisse uma explicitação de seu conteúdo. Para Max Muller (1832-1900)<sup>11</sup>, a origem da Religião deveria ser entendida como um deslocamento semântico, uma “doença de linguagem”.

Ao nomear as coisas (*nomina*) os seres primitivos criaram os deuses (*numina*). Já Auguste Comte<sup>12</sup> apresentou a teoria dos estágios da humanidade (Teológico, Metafísico e Positivo) para explicar o papel da Religião. No *Estágio Teológico* a imaginação desempenha papel de primeiro plano. Diante da diversidade da natureza, o homem só consegue explicá-la mediante a crença na intervenção de seres pessoais e sobrenaturais. Este Estágio representaria, no desenvolvimento do espírito humano, uma etapa de transição para o *Estágio Metafísico*. Este, inicialmente, concebe “forças” para explicar os diferentes grupos de fenômenos, em substituição às divindades da fase teológica. Fala-se então de uma “força física”, uma “força química”, uma “força vital”. Procura explicar a “natureza íntima” das coisas, sua origem e destino último, bem como a maneira pela qual são produzidas. O *Estágio Positivo* caracteriza-se pela subordinação à observação. Cada proposição enunciada de maneira positiva deve corresponder a um fato, seja particular, seja universal.

Desta forma, a Religião seria a forma primitiva dos homens explicarem os fenômenos que não compreendiam. Em “*A origem das espécies*” Charles Darwin (1859), estabeleceu a idéia de uma continuidade entre o homem e o animal, inscrevendo todas as espécies no tempo de uma história contingente, sem uma ordem geral e sem um progresso determinado. Desta forma, a Religião (cristã) nada mais era do que uma forma evoluída de manifestação cultural. Para Émile Durkheim (1858-1917)<sup>13</sup>, a definição de Religião estava vinculada às representações coletivas e era a via através da qual poderíamos entender a forma de representação do mundo. As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada. O indivíduo abre mão da sua própria liberdade pessoal para aderir às práticas, ritos coletivos e solidários cujo objetivo final é receber em troca uma certa organização da realidade da vida cotidiana. Tais crenças são admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, que se sentem ligados uns aos outros pelos laços de uma crença comum. Wilhelm Wundt (1832-1920)<sup>14</sup> concebeu a Religião como a forma do homem de relacionar-se com seus sentimentos em relação ao desconhecido. O que podemos advir é que o Iluminismo, desde o início, teve dificuldades de abordar a Religião em todos os seus amplos aspectos. Dessa forma, a própria definição de Religião foi apresentada como

---

<sup>11</sup> Cf. SIMÕES, 1994. p. 85-106

<sup>12</sup> Cf. Idem p. 86-88.

<sup>13</sup> Cf. Idem, p. 99-102.

<sup>14</sup> Cf. Idem p. 103.

estágio primitivo da humanidade, seja no aspecto organizacional, social, político ou mesmo emocional. Assim, concordamos com que o primeiro problema para o historiador da religião é o problema epistemológico, como nos alerta Certeau<sup>15</sup>.

*A historiografia mexe constantemente com a história que estuda e com o lugar onde se elabora. Aqui, a pesquisa daquilo que deve ter ocorrido, durante os séculos XVII e XVIII para que se produzissem os fatos constatados em fins do século XVIII, normalmente pede uma reflexão a respeito daquilo que deve ocorrer e mudar hoje, nos procedimentos historiográficos, para que tais ou quais séries de elementos, que não entram no campo dos procedimentos de análise empregados até então, apareçam.*

Assim, podemos advir que ao historiador da religião cabe um duplo papel de explicitação de definição e de métodos, mas também de limites de sua própria área de pesquisa. Outro problema de aproximação para um fazer histórico em História das Religiões (doravante se referido pela sigla HR) é a questão do método. O método científico, em qualquer ciência, é a organização pela busca da verdade. Seus protocolos formais, suas formas de condução, seu regime de organização, se funda na referida pretensão de conhecer a realidade para além das aparências, de modo a controlar o conhecimento. Porém, a HR não produziu métodos de abordagem próprios, mas, ao longo do século XX, seguiu métodos de abordagem das outras Ciências Humanas e Sociais<sup>16</sup>. Este “empréstimo” metodológico causou uma série de dificuldades desde o início, como bem atesta Geertz<sup>17</sup>:

*Durante o primeiro século de sua história, os estudiosos acadêmicos da religião perceberam a si mesmos como historiadores e lingüistas engajados em estudos dos textos canônicos sagrados das religiões mais importantes. Assim, tais estudos fundamentavam-se em métodos e abordagens históricos e arqueológicos, filológicos e etnográficos. Após o apogeu do evolucionismo do século XIX e das grandiosas teorias psicológicas e sociais das primeiras décadas do século XX, em todas as ciências ocorreu um profundo ceticismo para com as teorias abstratas e normativas.*

Porém, a disciplina, ao longo do tempo, trabalhou entre dois métodos. O método histórico-filológico que, no dizer de Prandi e Filoramo<sup>18</sup>, consiste de: “uma coleta de documentos, seu exame a partir de um sólido *background* lingüístico, sua colocação nos respectivos contextos históricos, a pesquisa das leis de desenvolvimento dos sistemas religiosos, dos mais simples aos mais complexos”. A HR se desenvolveu aproveitando este

---

<sup>15</sup> Cf. CERTEAU, 2002. p. 124.

<sup>16</sup> BURITY, (2000).

<sup>17</sup> Cf. GEERTZ, 2003. p. 20.

<sup>18</sup> Cf. FILORAMO e PRANDI, 1999. p. 61.

método para uma depuração do método comparativo<sup>19</sup>. Por dois séculos este método foi utilizado em larga escala por pesquisadores como Max Muller<sup>20</sup>. Outro método que ocupou por muito tempo a História das Religiões foi o método denominado “difusionista”. Segundo James Blaut<sup>21</sup>, a abordagem difusionista se consolida ao longo do século XIX, sobretudo entre etnógrafos e, mais tarde, na Antropologia Cultural. Este método tem relação com a expansão colonial européia em direção à África e Ásia. A partir do olhar eurocêntrico do colonizador, estabelece-se uma concepção de mundo na qual existiriam de um lado regiões e/ou povos biologicamente superiores e permanentemente inovadores e, de outro, os incapazes de inovar. Aos últimos, para promover a necessária civilização “redentora do atraso”, caberia imitar as técnicas e valores das regiões mais desenvolvidas. E estas teriam a missão de difundir seus conhecimentos e hábitos “superiores” pelo mundo. O mito difusionista de que regiões de culturas supostamente “inferiores” são “espaços vazios” a serem preenchidos inexoravelmente pelas técnicas civilizatórias, a uniformizar o mundo, impulsionou os primeiros geógrafos culturais à tarefa de inventariar paisagens, técnicas e costumes em vias de desaparecimento. As produções oriundas desse método apresentaram uma História das Religiões que se destacavam como “primitivas” ou “mais antigas” no sentido evolucionista e teve influências em uma leitura evolucionista do monoteísmo cristão para o politeísmo (pagão). Outro método que se adotou ao longo do tempo foi o historicismo. O termo *historicismo* apareceu em 1881 na obra de Karl Werner-Giambattista Vico como filósofo e pesquisador erudito, com o significado de estrutura histórica da realidade humana. Como método, o historicismo define o pensamento como resultado cultural do processo histórico e reduz a realidade e sua concepção à história. A historicidade ou a inserção cronológica, causal, condicionante e concomitante de eventos na história constitui

---

<sup>19</sup> O método histórico-filológico, no dizer de Velasco: se materializa mayoritariamente en soportes documentales escritos sobre los que es necesario realizar un análisis estricto que tenga en cuenta el contexto histórico de producción y de utilización. El método histórico-filológico, depurado por centurias de investigaciones es clave en el análisis de textos de carácter religioso, que se entienden como obras de hombres y no como revelaciones divinas intemporales y de valor eterno. In VELASCO, 2000. p. 30.

<sup>20</sup> Orientalista e Filólogo alemão (1823-1900). Foi professor de línguas e literatura moderna e de filologia comparada na Universidade de Oxford, desde 1850. Dedicou grande parte da sua vida à compilação e publicação de livros sagrados do Oriente. Recebeu numerosas distinções de governos e sociedades científicas, assim como a cidadania inglesa. Considerado o pai da disciplina de Ciências da Religião. Cf. PALS, 1996. p. 3-15. Dentre suas obras, destacam-se: Müller, Max. *A history of ancient sanskrit literature so far as it illustrates the primitive religion of the Brahmans*. London, WILLIAMS AND NORGATE, 1859. MÜLLER, Max. *La Science de la Religion*. Paris, LIBRAIRIE GERMER BAILLIÈRE, 1873.

<sup>21</sup> Cf. BLAUT, 1994. p.173-190.

<sup>20</sup> Como nos afirma Filoramo e Prandi, o padre Wilhelm Schmidt (1862-1954) buscou formular uma teoria da degradação do monoteísmo para o politeísmo denominada de: “*Urmonotheismus*”. Cf. FILORAMO e PRANDI, 1999. p. 62-65.

posição assumida a priori, isto é, ela é prévia e determina a inserção dos fatos na história. A razão substitui a providência divina na visão historicista, caracterizada pela consciência histórica, pela historicidade do real. A humanidade é compreendida por sua história e a essência do homem não é a espécie biológica, mas sua história, movida pela razão. Essa retrospectiva do tratamento da Religião como objeto de análise remete-nos, finalmente, às pesquisas e trabalhos da Escola Italiana de História<sup>23</sup> das Religiões, mas precisamente nas tentativas de Vittorio Lanternari, Raffaele Pettazzoni e Ângelo Brelich. Para este último<sup>24</sup>, os fenômenos religiosos necessitam ser ancorados em uma base teórica e definidos a partir de dado momento histórico-cultural. Para Brelich, as crenças religiosas são entendidas a partir de seus universos históricos, culturais e mentais específicos. Este arcabouço teórico aproxima a Escola Italiana de História das Religiões da chamada Nova História, precisamente de autores como Alphonse Dupront que coloca o fenômeno religioso na categoria do temporal<sup>25</sup>: “através da experiência religiosa, o homem vive num ritmo lento, o qual oferece quando apreendido em seu próprio movimento, uma extraordinária e talvez única possibilidade de decifrar confissões e testemunhos, e o duplo sentido do combate de existir e da interpretação que o próprio homem dá a si mesmo de tal combate”. Na mesma linha, podemos elencar as opiniões de Dominique Julia<sup>26</sup>, que interpreta os fenômenos religiosos do ponto de vista de uma História Social. Para este estudioso existe a necessidade de estudo da Religião em uma perspectiva histórica interdisciplinar com as demais Ciências Humanas e Sociais. Já para Mircea Eliade<sup>27</sup>, a História é o caminho para se alcançar uma definição satisfatória do fenômeno da Religião sem a necessidade de uma discussão os fundamentos ou mesmo a essência da Religião. Seu pensamento foi parcialmente influenciado por eruditos como Rudolf Otto e Gerardus van der Leeuw. Para ele, através dos estudos sobre a hierofania, ou das hierofanias, é possível refletir sobre a morfologia do sagrado. Cada tipo de hierofania entendida como a irupção do sagrado, permite uma dada e diferente aproximação desse mesmo sagrado. A hierofania seria, assim, uma experiência histórica em que um epifenômeno

---

<sup>23</sup> Cf. FILORAMO e PRANDI, 1999. p. 59-90.

<sup>24</sup> Cf. BRELICH, 1977. p. 30-97.

<sup>25</sup> Cf. DUPRONT, 1978. p. 83-105.

<sup>26</sup> Cf. JULIA, 1978. p. 106-131.

<sup>27</sup> Romancista e pensador romeno, especialista da filosofia hindu e da História das Religiões. Foi professor assistente da universidade de Bucareste, em 1937. Iniciou no ano seguinte a publicação: *Zalmoxis, Revue des Études Religieuses* (Paris, 1938), interrompida pela guerra. Mircea Eliade continuou sua carreira em Londres (1940-1941) e Lisboa (1942-1944), como conselheiro cultural fixando-se depois em Paris (1945), como professor agregado na Escola dos Altos Estudos da Sorbone (1946-1948). Em 1957, foi-lhe oferecida a cadeira de História das Religiões pela Universidade de Chicago. Autor de mais de mil e trezentas obras em sessenta anos de carreira, é considerado um dos mais profícuos na área de Religião e História. Para um aprofundamento de sua obra, ver: FILORAMO e PRANDI, 1999. p. 55-57.

se apresenta a um indivíduo e constitui nele uma experiência fundante ou transformadora, ou mesmo mantenedora de uma forma de religião. Essa seria a primeira tarefa do estudioso da religião, a busca da identificação em cada fenômeno religioso daquilo que ele tem de fundamental e essencial, a sua estrutura. A segunda tarefa seria a investigação na história da criação, da modificação, ou da extinção de um determinado símbolo, mito, religião ou idéia religiosa. Dessa forma, o estudioso das religiões alcança a possibilidade da construção de quadros referenciais sobre a religião. Ainda podemos destacar os estudos da Escola dos Annales e seus desdobramentos na Nova História e História Cultural que tem muito a contribuir para uma definição teórico-metodológica para os estudos brasileiros de História das Religiões<sup>28</sup>. Já os estudos brasileiros estão vinculados às instituições de ensino com os Programas de Pós-Graduação e instituições como a *Associação Brasileira de História das Religiões* (ABHR), assim como diversos grupos de pesquisa sobre o tema. Esta produção, porém, restrita nos âmbitos regionais e institucionais, ainda não definiu linhas e correntes especificamente brasileiras e capazes de influenciar os estudos internacionais<sup>29</sup>. É nítido ainda o fato da dificuldade de classificação dos estudos históricos sobre Religião no Brasil com bem observa Pompa<sup>30</sup>: Ao longo da história dos estudos, os movimentos religiosos receberam numerosas designações: “movimentos nativistas”, “revivalistas”, “messiânicos”, “quiliásticos”, “milenaristas”, “revolucionários” ou “reformistas”, “proféticos”, “sincréticos”, “*deprivation cults*”, “cultos de crise”, podendo se ampliar ainda mais esta listagem.

### ***Considerações Finais***

Cada uma das fórmulas elencadas revela-se inadequada para definir a realidade complexa e dinâmica dos movimentos históricos, pois destaca apenas uma, ou algumas, das suas componentes: a social, a psicológica, a religiosa, a sincrética, etc. Esta dificuldade se desdobra na medida em que o campo da História, a partir de seus Programas de Pós-

---

<sup>28</sup> Como é o caso citado por Albuquerque sobre os estudos produzidos por Marc Bloch e Jacques Lê Goff, George Duby, Keith Thomas, Le Roy Ladurie, Michel Vovelle, entre outros. Para um aprofundamento sobre o assunto, ver: ALBUQUERQUE, (2007).

<sup>29</sup> Um dos exemplos mais notáveis é o balanço que Sérgio Ricardo Coutinho faz da relação entre os estudos históricos da religião no Brasil e a área de História no Brasil, demonstrando a falta de comunicação, diálogo e mesmo conhecimento sobre a produção historiográfica e estudos sobre religião entre os historiadores brasileiros e os cientistas da religião. Para um aprofundamento sobre este ponto, ver: SIERPIERSKI e GIL, 2003. p. 67-89.

<sup>30</sup> Cf. POMPA, 1998. p. 01.

<sup>31</sup> Levantamento realizado em 06/04/2007. Site da CAPES – <http://www.capes.gov.br/avaliacao/recomendados.html>. acesso em 06/04/2007. Universidade Paulista Julio Mesquita Filho/ASSIS/SP e Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ.

Graduação, não possuem disciplinas ou grupos de pesquisas que contemplem a área de História das Religiões entre suas prioridades. Em um levantamento preliminar, constatamos que, dos vinte Programas de Pós-Graduação (doutorado) em *História* credenciados pela CAPES no País, apenas dois possuem linhas de pesquisa e disciplinas ligadas à História das Religiões<sup>31</sup>. Porém, o número de estudos de pesquisas e teses na área de História das Religiões é considerável<sup>32</sup>. Cabem, portanto, estudos que venham a contribuir para a definição do estatuto científico sobre a HR, seu objeto de estudo e pesquisa, sua abrangência, seus métodos e sua proposta de formação no Brasil.

### ***Índice Bibliográfico***

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. *Historiografia e religião*. In: REVISTA ELETRÔNICA NURES. Nº. 05, Janeiro/abril, 2007. disponível em: <http://www.pucsp.br/revistanures>. acesso em 06/04/2007.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo, PIONEIRA, 1998.

BLAUT, James. *Diffusionism: a uniformitarian critique*. In FOOTE, K. [Ett Alli] (Orgs). *Re-reading Cultural Geography*. Austin, UNIVERSITY OF TEXAS PRESS, 1994. p. 173-190.

BRELICH, Ângelo. *Historia de las Religiones*. Vol 1. Madrid, SIGLO XXI, 1977.

BURITY, Joanildo A. *Novos paradigmas e estudo da Religião: Uma abordagem anti-essencialista*. Pádua, Itália, 2000. [VIII Congresso Internacional de Estudos Sócio-Religiosos]. (texto não publicado).

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *História e Paradigmas rivais*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. (Org). *Narrativa, sentido, história*. Campinas, PAPIRUS, 1997.

CARVALHO, Maria Cecília de (Org). *construindo o saber – metodologia científica: fundamentos e técnicas*. 13ª. Ed. Campinas, PAPIRUS, 1989.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, FORENSE UNIVERSITÁRIA, 2002.

DUPRONT, Alphonse. *A Religião: Antropologia religiosa*. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Orgs). *História: Novas abordagens*. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1978. p 83-105.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Lisboa, COSMOS, 1977.

FEYRABEND, Paul. *Science in free society*. Londres, NEW LEFT BOOKS, 1978.

FILORAMO, Gionvanni & PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo, PAULUS, 1999.

---

<sup>31</sup> A ANPUH mantém um sub-grupo de estudos de História das Religiões que tenta aglutinar e dar visibilidade às pesquisas em História e Religião e aproximar os diversos pesquisadores sobre o tema.

<sup>32</sup> Está programado para o dia 07 a 10 de maio de 2007 o I Encontro do GT Nacional de História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH. Identidades Religiosas e História, e a ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) mantém em seus eventos, espaço destinado aos estudos de religião, como é o caso do 31º Encontro Anual da ANPOCS que ocorrerá em 22 a 26 de Outubro de 2007, em Caxambu, MG. Um dos seminários temáticos versará sobre “*Religião e Ciências Sociais*”, coordenado pelo professor Dr. Joanildo a Burity da FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco).

GEERTZ, Armin W. *Enfoque metodológico sobre história das religiões*. In: GIL, Benedito e SIEPIERSKI, Paulo D. (Orgs). *Religião no Brasil: dinâmicas e abordagens*. São Paulo, 2003. p. 20-43.

GIL, Benedito e SIEPIERSKI, Paulo D. (Orgs). *Religião no Brasil: dinâmicas e abordagens*. São Paulo, 2003.

GODOY, Arilda S. *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. In: REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS. Vol. 35Nº. 02, mar/abr, 1995.

HERMANN, Jaqueline. *História das Religiões e Religiosidades*. VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da história: ensaios e de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, CAMPUS, 1997. p. 329-354.

JENKIS, Keith. *A história repensada*. São Paulo, CONTEXTO, 2001.

JULIA, Dominique. A religião: história religiosa. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Orgs). *História: Novas abordagens*. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1978. p. 106-131.

WEBER, Max. *A ciência como Vocação*. 3ª. Ed. Lisboa, EDITORIAL PRESENÇA, 1979.

WIEBE, Donald. *Religião e Verdade: Rumo a um paradigma alternativo para o estudo da religião*. São Leopoldo, SINODAL, 1998.

SAMPSON, Peter. *Qualitative research and motivation research*. 3ª. Ed. Amsterdã, ESOMAR, 1991.

LENOIR, T. *Instituindo a ciência – produção cultural das disciplinas científicas*. São Leopoldo, UNISINOS, 2004.

POMPA, Cristina. *A construção do fim do mundo: para uma releitura dos movimentos sócio-religiosos do Brasil rústico*. In: REVISTA DE ANTROPOLOGIA. São Paulo, Vol. 41, Nº. 01, 1998. Disponível em: [http://www.cielo.br.php?script=sci\\_arttex&pid=s0034-7701199800010000&Ing=pt&nrm=iso](http://www.cielo.br.php?script=sci_arttex&pid=s0034-7701199800010000&Ing=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06/04/2007.

SIMÕES, Jorge, J. *Cultura Religiosa: O Homem e o Fenômeno Religioso*. São Paulo, LOYOLA, 1994.

STUMP, David J. *Afterword: New directions in Philosophy of Science*. In: GALISON, Peter & STUMP, David J (Edts). *The Disunity of Science – Boundaries, Contexts, and Power*. Stanford, STANFORD UNIVERSITY PRESS, 1996. p. 443-450.

USARSKI, Frank. *Ciência(s) da Religião? Designação e Identidade de uma disciplina*. In: REVISTA ELETRÔNICA DO DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA DA FACULDADE CLARETIANA, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.redemptor.com.br~soter/Anpter.Usarski.doc>. acesso em 10/12/2006.